

Magdalena

A' GUISA DE PREFACIO

A theoria, tanto quanto a pratica espirítista, apresenta aos leigos e inscientes, aspectos e modismos ineditos, imprevistos, bizarros, surprehendedentes.

Nos dominios da mediumnidade, então o reservatório de surpresas parece inesgotavel, e desconcerta, e surprehe até os observadores mais argutos e avisados.

Se fossemos minudenciar, escarificar o assumpto até ás mais profundas raizes, poderíamos concluir que o commercio de encarnados e desencarnados, velho quanto o mundo, se indicia mais ou menos latente ou ostensivo, em todos os actos e feitos da humanidade.

Inspirações, idéas subitas ou pervicazes, sonhos, premonições e actos havidos por espontaneos e propriamente naturaes radicam, muito e mais na influenciação dos Espiritos que nos cercam, — por força e derivativo da mesma lei de affinidade incoercivel no plano physico quanto no psychico — do que a muitos poderia parecer.

E assim como se não desloca nem se precipita, isoladamente, um atomo no concerto sideral dos mundos infinitos, assim tambem não ha pensamento, idéa, sentimento isolados no concerto consciencial dos seres intelligentes, que actualizam e vivificam o pensamento divino, em ascese indefinita — *semper ascendens*.

E' o que fazia dizer a Luisa Michel: "um sêr que morre, uma folha que-cão, um mundo que desaparece, não são, nas harmonias eternas, mais do que um silencio necessario a um rythmo que não conhecemos ainda."

Mas, não ha dahi concluir que a creatura humana se reduza á condição de automato, sem vontade e sem arbitrio, porque nada á revelia da Lei se verifica: e no jogo dessa actuação constante o ascendente dos desencarnados não vae além das lides assignadas pela Providencia: não ultrapassa, jamais, a capacidade receptiva do percipiente, seja para o bem, seja para o mal.

*
*
*

Não é, contudo, desse mediumismo subtil, intrinseco, consubstancial á natureza humana, que importa tratar aqui.

Nem remontariamos aos filões da Historia para considerar-lhe a identidade nos templos da India, do Egypto, da Grécia, das Gallias e de Roma, em transito para a Edad-média, na qual os mediums eram immolados ao mais estúpido dos fanatismos — o religioso. Hoje, fogueira e pótro foram substituidos pela diffamação, pelo ridiculo alvar, pago em boa especie monetaria, ou ainda pelo cerco caviloso e interdictorio de quaesquer vantagens sociaes.

A luta tornou-se incruenta, mas, nem por isso, menos aspera e portiosa.

Assoalha-se que a mediumidade é fonte de mercantilismo: entretanto, nenhum grande medium, que o sabamos, chegou a accumular fortuna e rendimentos.

Muitos, ao invés, quaes Home, Slade, Eusapia e d'Esperance, morreram pauperrimos e, o que mais é, tendo a panuejar-lhes a memoria o labéo de charlatães.

Mas, houvesse de facto esse mercantilismo, e nunca se justificaria, senão por abusivo e espurio, de vez que a doutrina o não autoriza, sequer por hypothese.

Porque, na verdade, assim se escreve a Historia e o maior dos mediums, o Medium de Deus, só escapou ao estigma da posteridade pela porta cecusa do conelle de Nicéa, numa divinização accomodatícia e rendosa ao fornigamento parasitario e omnimodo dos Constantinos, que, ainda hoje, lhe exploram os feitos e o nome angusto, com bulhas politicas de vulpina rhetorica, facticios pruridos de grosseira mystificação em bonzolatrias de cimento armado.

Entretanto, como a confirmar a tradição — "os santos apostolos foram em sua maioria humildes pescadores" — e não só a tradição como a sentença de que *os ultimos seriam os primeiros*, — não vêm hoje os vexillarios da Verdade trazer-a aos magnatas da terra, aos principes dos sacerdotes, escribas e phariseus hodiernos, disputantes á compira da magnifica carapuca a elles talhada e ajustada de vinte seculos no Capitulo XXIII de Mathews.

Ao contrario, esses esculcas do Além parece preferirem os operarios modestos, modestos e rusticos, rusticos e bons, como tão subtilmente os define o Ega em magistral mensagem:

"Typos originaes, mãos calosas que se entregam aos rudes trabalhos bragues, a fazerem a litteratura do além-tumulo: homens que Tartufo chama bruxos e Esculapio pathifica de basbaques, mystificadores, ou casos pathologicos a estudar"...

E' verdade tudo isso; mas, convenhamos, tambem o é para maior gloria de Deus.

Não ignoramos que homens de alta cultura e renome scientifico têm versado o assumpto, investigado, perquirido e proclamado a verdade acima e além de conveniências e preconceitos politicos, scientificos, religiosos. Nomea-los aqui, seria fastidioso quanto inutil.

O vulgo que não lê, ou que lê pela cartilha do Snr. Párocho nos conselhos privados da familia beata, não deitaria os seraphicos olhares nestas paginas e seguiria, clamoroso ou contente, de qualquer forma inconsciente — *infinitus stultorum numerus* — a derrota do seu calvario, no melhor dos mundos, a Pangloss.

O outro, o vulgo que lê e comprehende, mas para o qual o *magister dixit* é a melhor formula de concessão e accommodação consigo mesmo, estomago e visceras em funcção, soffra quem soffrer, doa a quem doer — esse, basofiaando sciencia em gestos largos de animalidade superior, se estas linhas chegassem a ler, haveria de esboçar aquelle sorriso fino e bom que Bonnemère não sabia definir se seria de Voltaire, ou do mais refinado dos illoras...

Adeante, pois, na tarefa nada espartana de apresentar esta prova opima das esmolos de luz que nos chegam em revoadas de graças, a encher-nos o coração de alvitreiras esperanças.

Quem quizer cortezas maiores, explanações technicas e eruditas do phenomeno em apreço, que as procure no livro *Do Paiz da Luz*, obra similar edi-

tada ha uma vintena de annos, psychographada pelo medium portuguez Fernando de Lacerda e que fez, nas rodas profanas de Lisboa, o mais ruidoso successo.

Nessa obra, o illustre Dr. Souza Couto, em magistral prefacio, esgotou o assumpto ao encaval-o sob todos os prismas de uma severa critica, para concluir pela transcendencia do phenomeno rebelde a todos os methodos de classificacão scientifica e, sem embargo, realissimo em sua objectivação.

Pois, a nosso ver, maior é o merito, por mais opulenta a polpa medumtica, desta obra.

E' que lá, em *Do paiz da luz*, avulta a prosa, com raras excepções; ao passo que aqui desborda o verso, mais original, mais difficil, mais precioso como indice de autenticidade autoral.

Lá, as mensagens caracteristicas são exclusivas de escriptores lusos, unicas que podem, a rigor, identificar pelo estylo, os seus autores.

As de Napoleão I, Thereza de Jesus, etc., são incontestavelmente bellas no fundo e na forma, mas não caracteristicas de taes entidades.

Aqui, pelo contrario, não só concorrem poetas brasileiros e portuguezes, como refinem erystallinas e contrastantes as mais variadas formas verbalisticas e literarias, como a facilitarem de conjuncto a identificacão de cada um.

Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Symbolismo, ali se ostentam em loucanias de sons e de côres, para affirmar, não mais subjectiva, mas objectivamente a sobrevivencia de seus interpretes.

E' ler Casimiro e sentir *Espumas fluctuantes*; é recitar Castro Alves e sentir *Primaveras*; é declamar Junqueiro e lembrar a *Morte de D. João*; é phrascar Augusto dos Anjos e evocar *Eu*.

Senão, vejamos:

Oh! que clarão dentro d'alma
Constantemente seismando,
O pensamento seubando
E o coração a captar,
Na delicada harmonia,
Que nasce da beleza
Do verde da natureza,
Do verde do lindo mar...

E' Casimiro...

Ha mysterios peregrinos
No mysterio dos destinos
Que nos manda renascer;
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para á mesma luz volver.

E' Castro Alves...

Pairava na amplitude estranho resplendor.
A natureza inteira em lucida poesia
Repousava feliz nas preces da harmonia!...
Era o festim do amor
No firmamento em luz,
A grandeza de uma alma que voltava
Ao redil de Jesus.

E' Junqueiro...

Desejava, agora, vibração das ruínas.
Esquece o verme, as caracis, os estrumes,
Relempa-te em meio dos perfumes,
Cantando a luz das amplitudes divinas.

E' Augusto dos Anjos.

E todos, todos os mais ali estão vivos, ardentes, inconfundíveis na modulação das suas lyras encantadas e decantadas.

E na prosa — excepto a de Fernando de La-cerda, cujo estylo não temos elementos para iden-

tificar — o mesmo traço de originalidade personalissima se impõe.

Dúvidamos que o mais solerte plúmbeo, o mais intellectual dos nossos literatos consiga imitar, sequer, ainda que premeditadamente, esta produção.

E isto o dizemos porque o medium Xavier, um quasi adolescente, sem lastro, portanto, de grande cultura e treino poetico, recebe-a de jaeto e mais — quando de alguns autores não conhece uma estrophe!

E' extraordinario, será maravilhoso, mas é a verdade nua e crúa; verdade que, qual a Luz, não pode ficar debaixo do alqueire.

Foi por assim pensarmos que conseguimos vencer a relutancia do medium, em sua natural modestia, para lançar ao publico, em geral, e aos confrades, em particular, esta obra mediumica, que, certo estamos, ficará como balisa fulgurante, na historia a tracejar, do Espiritismo em nossa patria.

Mas, perguntarão: — quem é Francisco Candido Xavier? Será um rapaz culto, um bacharel formado, um academico, um rotulado desses que por ahí vão felicitando a Familia, a Patria e a Humanidade?

Nada disso.

O medium polygrapho Xavier é um rapaz de 21 annos, um quasi adolescente, nascido alli assim em Pedro Leopoldo, pequenino rincão do Estado de Minas. Filho de paes pobres, não ponde ir além do curso primario dessa pedagogia incipiente e rotineira, que faz do mestre-escola, em these, um ga-

lepin eleitoral e não vac, também em these, muito além das quatro operações e da leitura corrida, com berrifos de catecismo catholico, de contra-peso.

Orfão de mãe aos 5 annos, o pae infenso a litteratices, ao demais premido pelo ganha-pão, é bem de ver-se que não teve, que não podia ter o estimulo ambiente, nem uma problemática hereditaria, nem um nem dez cyrenens que o conduzissem por tortuosos e torturantes labyrinthos de acesso aos altanados pagos do Olympo, ao idyllico convívio de Calliope e Polymnia.

Tudo isso é o proprio medium quem no-lo diz em linguagem eloquente, porque simples como a propria alma cedo esfolhada de sonhos e illusões, para não collimar renomes litterarios.

Ao lhe formularmos um questionario que nos habilitasse a pôr de plano estes detalhes essenciaes — de vez que, em obra deste quilate o que se impõe não é a apresentação dos operarios, mas da ferramenta por elles utilizada, tanto quanto do seu manuseio; e não querendo, por outro lado, endossar um phenomeno cuja ascendencia sobejamente conhecemos para não recusar, mas, cujo flagrante não presenciamos — elle, o medium, veio "candidamente" ao nosso encontro com *Palavras minhas*, nas quaes estereotypa a sua figura moral, tanto quanto retrata as impressões psycho-physicas que lhe causam o phenomeno.

Nós mesmo vimos certa vez, em S. Paulo, o medium Mirabelli cobrir dezoito laudas de papel almasso, no exiguo tempo de 13 minutos marcados á relógio, enquanto commosco disereitava em idioma diverso da mensagem escripta.

E' um facto. Do seu mecanismo intrinseco e extrinseco, porém, nada nos disse o medium.

Agora, diz-nos este que também as produções são recebidas de facto.

Não ha ideação prévia, não ha enendeamento de raciocínios, fixação de imagens.

E' tudo inesperado, explosivo, torrencial!

De que escreve e sabe que está escrevendo, também sabe que não pensou e não seria capaz de escrever.

Ha vocabulos de ethymo que desconhece; ha factos e recursos de hermeneutica, figuras de rhetorica que ignora; theorias scientificas, doutrinas, concepções philosophicas das quaes nunca ouviu falar, de autores também ignorados e jamais lidos!

Como explicar, como definir e transmitir a captação, a realisação essencial do phenomeno?

Só o medium poderia faz-lo, e isso elle o faz de maneira impressionante, de modo a satisfazer aos familiares da doutrina.

Aos outros, aos scepticos, a liberdade de conjecturar para melhor explicar, sem contudo negar, porque o facto ali está na plenitude de sua realidade, e um facto, por mais insolito que seja, vale sempre por mil e uma theorias, que nada explicam, antes complicam...

Como nota final, aos argus da critica, Catões e Zoilos de compasso e metro, faisqueiros de nugas e mingas na volupia de escandir *quand même*, diremos que, encarregado de apresentar esta obra, não nos dispuzemos a escolmal-a de possiveis defeitos de technica, não só por nos fallecer autoridade e competencia, como por julgar que tal ou sio seria uma profanação.

Trata-se, precipuamente, de um trabalho de identificação autoral, e de entidades hoje mais lúcidas e respeitáveis do que o foram aqui na terra.

Tal como não o deram, esse trabalho melhor corresponde á sua finalidade altíssima, e o que a legitima ética doutrinaria aponta é que quaisquer lacunas ou falhas devem ser attribuídas ou irrogadas ao porventura precário aparelhamento de transmissão, ou factores outros, em summa, que mal podemos imaginar e que, no entanto, racional e logicamente devem existir, mais subtile e delicados do que esses que a meude concorrem na telepathia, na radiophonia, em tudo, enfim, que participa do meio physico contingente.

Que os arautos da Boa Nova aqui escalonados, por vindos de tão alto, nos perdoem a vacuidade e insulcia destas linhas, e que os leitores de boa vontade as desprezem como inúteis, para só apregarem a obra que aqui lhes apresentamos, na pauta evangelica que diz — *A arvore se conhece pelo fruto.*

M. QUINTÃO.

PALAVRAS MINHAS

Nasci em Pedro Leopoldo, Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus actos, perante a sociedade da minha terra,



são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade: e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de arduas dificuldades e mesmo de soffrimentos.

Filho de um lar muito pobre, orphão de mãe aos cinco annos, tenho experimentado

toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dor, ha muito que já me convenceu da inutilidade das bagatellas que são ainda tão estimadas neste mundo.

E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor quanto á sua formação.

Comecei por dizer-lhe que sempre tive o